

PATRIARCALISMO, IGREJA E MULHER

Ivone Gebara

INTRODUÇÃO:

Costuma-se, com frequência, fazer a oposição entre machismo e feminismo de maneira muito simplista. Às vezes, pensa-se que a eliminação de um seria a livre afirmação de outro. Outras vezes, pensa-se que é possível superar um e outro apenas com uma atenção mais particular à mulher e que enfim poder-se-ia restaurar a imagem completa da humanidade. Creio que historicamente a tentativa de solucionar esta oposição é bem complexa.

Por isso, nesta introdução, gostaria de explicitar em grandes linhas a perspectiva feminista que assumo. Isto porque o feminismo não é um movimento singular, mas plural, heterogêneo e de coloridos diversos. O movimento feminista vai desde a afirmação da necessidade de respeito doméstico e social das mulheres, passa por uma militância de busca de chances de equivalência social da mulher em relação ao homem, passa também em certos grupos, por uma espécie de guerra aberta à figu-

ra do macho, e finalmente, tem sua expressão nos grupos de mulheres que buscam rever os fundamentos de sustentação patriarcal de nossa sociedade como alienação da mulher e do homem de sua realidade própria. Por isso, estes grupos tentam captar os fundamentos antropológicos que sustentam os costumes vigentes, a leitura da Escritura e as diferentes elaborações teológicas. Seu objetivo é superar esta alienação do humano homem/mulher em vista da construção de um novo tipo de relação entre homem, mulher, natureza, mundo animal, cosmos. Trata-se da busca de uma nova ordem social e de uma nova compreensão antropológica que a acompanha e sustenta.

Por isso, pode-se dizer que, nesta perspectiva que assumo, o feminismo não se ergue contra o homem ou contra o machismo, ou ainda contra a soberania política social e religiosa do homem para em seu lugar afirmar a soberania da mulher. Não se trata de revanchismo e nem de inversão de papéis. O feminismo que defendo, não é o "surgimento"

social, político e religioso da mulher em detrimento do homem, simplesmente substituindo-o ou competindo com ele pelo mesmo lugar nesta estrutura injusta na qual vivemos. O feminismo que defendo toca as raízes do humano em nós. As proporções desse movimento são ainda incalculáveis para a história do terceiro milênio que se aproxima, visto que suas "pretensões" não se limitam apenas a reivindicações justas dentro da atual estrutura social e eclesial em que vivemos. Suas "pretensões" questionam a atual estrutura organizativa e valorativa de nossa sociedade, questionam as imagens do humano plasmadas fundamentalmente a partir da figura do homem, questionam enfim a própria religião Cristã, sua teologia que não foge da estrutura patriarcal e racionalista vigente em nosso meio.

Sem dúvida, a expressão feminista pode encerrar ambiguidades, sobretudo se a compreendermos de forma simplista e negativista como o fazem as correntes reacionárias de nossa sociedade. Estas identificam todos os movimentos de organização de mulheres a um grupo minoritário que surgiu nos Estados Unidos nos anos 70 e convocava as mulheres a uma militância exacerbada contra o macho, 1º sexo da criação. Entretanto, sabemos que este foi um dentre os múltiplos movimentos que se organizaram em diferentes países do mundo. Valorizá-lo de forma absoluta é negar a própria realidade diversificada da história humana e em particular da história do movimento feminista internacional.

Por esta razão uma postura de abertura e diálogo é exibida por nós. Esta é a condição básica para de fato

acolhermos os "sinais dos tempos" e deixarmos a Justiça e o Amor penetrarem em nossas entranhas.

É na linha do feminismo que deseja contribuir para a construção de um novo rosto de humanidade que proponho minha reflexão antropológico-teológica centrada em três ítems. Estes querem ser apenas um ensaio provocativo para que homens e mulheres reassumam cada vez mais sua responsabilidade histórica na construção de um mundo que supere o antigo modelo excludente e visceralmente injusto.

I- O patriarcalismo como "revelação" de Deus.

II- Da Igreja imagem do homem à Igreja imagem da mulher e do homem.

III- A reciprocidade como fundamento do novo relacionamento humano.

I- O PATRIARCALISMO COMO "REVELAÇÃO" DE DEUS.

Falar de revelação de Deus é coisa séria. Significa falar da maravilhosa apreensão do divino no humano e em toda a criação. Significa explicitar algo de fundamental para a experiência humana, algo que toca a nossa constituição íntima.

É no mais profundo de si mesmo que o ser humano, mulher e homem, "experimenta" essa realidade que os transcende, o mistério maior que nos envolve e ultrapassa.

Sabemos o quanto nossa teologia e exegese são marcadas por uma estrutura eminentemente patriarcal tecidas desde o judaísmo e reforçadas por toda a série de anti-feminismos que marcaram a história da Igreja e

da teologia.¹ É nesse sentido que o grande perigo da Igreja é identificar o patriarcalismo à revelação de Deus e conseqüentemente lutar para mantê-lo não só na elaboração teológica e doutrinal, mas nas estruturas organizativas da Igreja. É esse perigo que o movimento teológico feminista tem percebido e quer denunciar, mesmo reconhecendo o grande esforço que diferentes grupos de Igreja têm feito para abrir maiores espaços para a mulher.

O que significa patriarcalismo como revelação de Deus?

A resposta a essa questão é vasta e implica a consideração de diferentes aspectos e formas assumidas pelo patriarcalismo ao longo de nossa história e teologia. Não poderei refletir todos esses aspectos no espaço dessa reflexão.² Apenas parto de uma constatação de que a Igreja Católica não foi crítica do patriarcalismo da sociedade, pois ela mesma tem suas estruturas fundadas numa antropologia androcêntrica de caráter eminentemente patriarcal. A partir dessa antropologia o homem é visto como o primeiro sexo, o mais importante, o dono do poder e das grandes decisões.

Conseqüentemente, no nível teológico, se acentua e se recorre sempre às tradições bíblicas em que a imagem de Deus pode ser facilmente identificada a do patriarca do qual depende não só o funcionamento da sociedade, mas da família. Nessa perspectiva também a busca de um fundamento primeiro de todas as coisas, a ânsia de respostas sobre a origem pri-

meira do existente foi situada em Deus, mas em um Deus com características racionalistas e de imagem masculina. Se tudo vem dele, se tudo passa por ele, se as grandes decisões dependem dele, da mesma forma tudo na história dependerá de seu "Doblê" humano o homem. Isto explica em parte, a superioridade social, política e religiosa do homem nas sociedades marcadas pelo cristianismo.

No contexto atual em que vivemos, quase todas as afirmações que preconizam a igualdade entre homem e mulher têm caráter até certo ponto formal, ou seja, aparecem como ideais bonitos aos quais se pretende chegar, mas sem realidade histórica concreta. Além disso, são formuladas de maneira tão genérica, ou ainda, de forma tão exortativa que é impossível verificar-lhes a veracidade.

Tal situação denuncia a necessidade de tocarmos no âmago do problema teológico, ou seja, o problema da sustentação antropológica da teologia e conseqüentemente dos fundamentos da atual organização das relações humanas na sociedade e na Igreja. A meu ver este é um dos passos mais importantes a ser dado para a construção de um novo rosto da humanidade e da comunidade eclesial.

Por isso, uma das questões mais prementes que se coloca para a teologia hoje é a de rever seu fundamento antropológico, na tentativa de captar aquilo que não permite à humanidade, homem e mulher, o crescimento e a aquisição em cada geração da estrutura humano-divina que nos constitui.

1. Aubert, Jean Marie, *L'exil féminin, antiféminisme et christianisme*, Ed. Cerf, Paris, 1988.
2. Reuther, Rosemary, *A natureza feminina de Deus*, Concilium/163, 1981/3: dogma.

Esse é o primeiro passo a ser dado, porque dele depende toda a elaboração teológica posterior. A elaboração teológica, a leitura da Escritura e as diferentes relações que o constituem.

Por isso, pode-se dizer que toda a tentativa de compreensão de nossa relação com Deus é ao mesmo tempo a tentativa de compreensão de nossa própria relação humana com os diferentes seres existentes.

Há os que marcados por um esquema filosófico e teológico metafísico, temem esse primeiro passo alegando o perigo de redução da teologia à antropologia. Mas, que sustento tem a teologia sem o humano? Como poderia falar de Deus sem se falar do homem e da mulher? Como se poderia tentar uma aproximação do mistério que nos envolve, do mistério maior sem partir do próprio mistério que somos nós?

Rever a antropologia que sustenta nossa teologia não é tarefa fácil. Não se trata apenas de um trabalho intelectual de revisão e atualização de certas categorias, mas trata-se sim e em primeiro lugar, de uma prática nova, de uma prática fruto das profundas interpelações que nos vem hoje da história e especialmente da história das mulheres.

Poderíamos nos perguntar como se apresenta, em grande linhas, a antropologia que se constitui em suporte para a nossa teologia. A resposta a essa questão fornecer-nos-á alguns elementos para a melhor compreensão das bases de sustentação de nossa teologia.

O primeiro traço marcante dessa antropologia é o seu caráter genérico, ou seja, se apresenta como um discurso genérico sobre o homem. Mas,

no concreto da história quem fala e quem escreve não é um ser genérico universal, mas sim particular, individual, situado e datado. E quem escreve, escreve à sua imagem e semelhança, escreve segundo o seu lugar social, seu sexo, seu mundo de valores. Nesse sentido, todo discurso antropológico-teológico genérico mesmo apresentando-se como incluído da realidade homem e mulher, nunca deixa de ser um discurso a partir do homem, primeiro sexo.

Como dizia Wittgensteins: "os limites de nossa linguagem são os limites de nosso mundo", ou seja, nossa linguagem é expressão de como organizamos as significações e os valores de nosso mundo. Por isso, a partir da organização do discurso teológico podemos captar o antropológico e, conseqüentemente a maneira através da qual se exprimem as relações entre homem, mulher e mundo.

O discurso teológico é pois expressão de nosso mundo, nasce de nós, de nossas entranhas. Não nos é jogado de cima, como se fosse elaborado por "divindades" preocupadas em produzir belas teorias teológicas para os humanos.

O discurso teológico revela o poder e o lugar que ocupam os diferentes seres no mundo de valores próprio ao ser humano. Revela portanto a realidade de quem fala e de suas ações históricas.

Na verdade, homem e mulher são igualmente seres religiosos, mas homem e mulher viveram diferentemente a religião.

Em certo sentido, o homem fez da religião seu campo de batalha. Guerreou por seus deuses como se guerreia para se conquistar uma ter-

ra. A religião feita por ele, tornou-se imagem de seu poder. Acompanhou suas conquistas e derrotas e em nome dela descobriu o mundo e subjulgou povos.

A mulher não foi à guerra para matar ou morrer pela religião, salvo em raríssimas exceções. Viveu-a como expressão de sua submissão a Deus identificada a submissão à figura do homem. Viveu-a em outras frentes e nela exprimiu seu poder diferentemente, um poder marcado pela luta, pela sobrevivência, pela condição de sua maternidade e nos limites de sua realidade doméstica.

A mulher misturou a religião com a casa, com os afazeres domésticos, com a educação dos filhos e filhas. Fez dela prece, suspiro, promessa de dias melhores para além do "vale de lágrimas" da existência cotidiana.

As mulheres fortes da Bíblia assim como muitas de nossas antepassadas e muitas de nossas contemporâneas exprimem sua fé religiosa de maneira particular na luta pela preservação da vida, nas pequenas ações como a da viúva que acolhe o profeta Elias, como as parteiras do Egito, como Marta e Maria na sua amizade por Jesus. Suas ações não foram cantadas como gloriosas e menos ainda narradas como grandes feitos da humanidade.

Não foi para impor a religião ou para lutar contra pagãos e hereges, nem para conquistar povos que as mulheres invocaram a Deus, mas sim para resistir às dificuldades do cotidiano e preservar a vida como um bem maior. Tiveram que acolher nos seus braços os corpos feridos nas guerras, tiveram que cuidar das chagas abertas, estancar o sangue, recu-

perar as forças dos mutilados da guerra provocada e alimentada pelos projetos masculinos.

Tiveram que entregar filhos, maridos e pais à loucura da destruição, enterrar seus corpos devolvidos sem vida, regar a terra de lágrimas e esperar que a esperança renasça de novo sobre os escombros e sobre as cinzas.

Suas entranhas se revolviam e se revolvem diante da irracionalidade e escândalo da destruição, diante dos loucos gritos de vitória nos campos semeados de cadáveres, ou diante do exílio dos derrotados, condenados à escravidão ou à vida em terra estranha.

Como as "pietás" da piedade popular, as mulheres carregam no seu regaço a humanidade ferida, a humanidade sem vida. Maria carregando seu filho Jesus morto é a expressão do que tem sido parte da existência das mulheres, sina que a vida lhes reservou ontem, mas que elas querem mudar amanhã.

A teologia fundada na antropologia do homem genérico eliminou de sua elaboração a contribuição histórica das mulheres, não falou da presença, da ternura e misericórdia de Deus em suas ações. Eliminou até certo ponto inconscientemente, a expressão do outro rosto da humanidade conservando apenas uma imagem unidimensional, única, monoteísta patriarcal e excludente da espantosa diversidade do humano.

O segundo traço importante desta antropologia, base de nossa teologia é o seu caráter a-histórico. Falar de caráter a-histórico não significa negar os acontecimentos históricos cotidianos e nem propor uma vivên-

cia cristã fora dos limites da história. Esse caráter se expressa de forma mais profunda sustentando aquilo que se poderia chamar a "reserva sagrada" da religião que se quer na história porém não sujeita as transformações históricas. A "reserva sagrada" não se refere fundamentalmente aos valores do Reino de Deus, valores pelos quais profetizas e profetas, Maria e Jesus e tantos outros e outras deram a vida acenando de longe para a realização de seus desejos. Não se trata do Reino de Justiça, da partilha, do serviço, da misericórdia, do amor ao próximo, mas da formulação fixista de verdades a partir do horizonte cultural patriarcal. Este se torna de tal forma absolutizado que, qualquer questionamento é tomado como agressão à religião, tentativa de utilizá-la para as novidades do mundo moderno ou ainda, diminuição de seu valor e de "eternidade".

Aquilo que outrora foi vivido dentro dos limites de uma história e cultura, aquilo que foi gesto concreto de amor, que modificou comportamentos, que expressou alegria, sofrimento e lágrimas é aprisionado num conceito religioso como se ele pudesse ter uma realidade própria acima dos condicionamentos de nossa história. Aquilo que foi vida concreta marcado pela fragilidade, pela beleza das coisas que passam e dão lugar a outras é elevado a um mundo supra-sensível, mundo além da história, mundo metafísico. Neste mundo fixo nada pode ser mudado, pois se-

gundo a ideologia patriarcal "Deus assim quis antes de todos os séculos".

Um exemplo típico desse tipo de reflexão a-histórica e metafísica é relativa às razões apresentadas por algumas Igrejas cristãs para proibir a ordenação de mulheres para o ministério sacerdotal. A argumentação principal é fundada no sexo de Jesus e na interpretação de sua vontade feita sobretudo pelo clero masculino detentor do poder na Instituição religiosa. Reduzem a celebração da eucaristia a um ato da vida de Jesus, "a última ceia", na qual segundo os textos considerados canônicos apenas homens estavam presentes. Não lêem a vida de Jesus como sendo ela mesma eucarística e marcada como o atestam as escrituras neo-testamentárias pela presença igualmente de homens e mulheres no movimento de Jesus, movimento significativo que no 1º século de nossa era questionou o legalismo e o vazio em que caíra o judaísmo da época.³

A visão a-histórica caminha com a história até certo ponto. Quando a história exige passos maiores que tocam na partilha de espaços de poder há uma retratação e uma argumentação de cunho metafísico que impede o diálogo e o sadio confronto de posições.

O terceiro e último traço que desejo ressaltar é o caráter dualista que sustenta nossa teologia. Não se trata apenas do célebre dualismo que opõe o corpo ao espírito, mas sim da compreensão da realidade humana e cósmica de forma dualista como

se as coisas existentes se opusessem ou se excluíssem. Há uma leitura simplista do real como se o fogo se opusesse à água, o seco ao molhado, a vida à morte, o amor ao ódio, o masculino ao feminino. É como se houvessem coisas que fossem sempre absolutamente boas e outras absolutamente ruins em todos os momentos, como se o bom e o ruim não se misturassem e como se sua significação não fosse tirada da mutável temporalidade das culturas históricas.

A antropologia dualista é sempre acusadora de uma parte do humano ou mesmo da natureza. Assume uma postura "moralizante" do mundo e das relações humanas e faz desta postura a visão natural, a percepção "correta" das coisas, a "verdade" sobre o essencial da vida. Nesse sentido essa antropologia tende a ser profundamente ideológica, tomando-se ideologia no sentido de percepção incorreta ou mutilada da realidade. Além disso, a perspectiva dualista tende a ser excludente e até certo ponto encerra uma visão pessimista do humano. O humano está sempre em oposição a partes dele mesmo, como se houvesse a possibilidade de uma eliminação perfeita do joio crescendo no meio do trigo. Não engloba aquilo que é chamado "negativo" para com ele modificar a história e as relações humanas. O gozo na história é pouco salientado como se este pudesse atrapalhar o caminho sofrido do "homem" perfeito. Finalmente este dualismo acentua um sentimento de culpa na vida de fé. Tem-se a impressão de sempre estarmos em falta contra as estruturas da religião. O ser humano vive "o que ele é" como culpa em

relação àquilo que "deveria ser". Mas, o que deveria ser não é apresentado numa perspectiva histórica integrativa de todas as energias humanas, mas como uma espécie de ideal estipulado por um tipo de cosmovisão que, em princípio, encerra uma certa desconfiança do humano.

Por isso, toda a "redenção" se transformou em obediência a um projeto patriarcal acentuando a chamada "cultura da obediência" na qual são "felizes" os que se submetem à ordem estabelecida pela sociedade e pela religião.

Denunciar essa raízes de sustentação antropológica de nossa teologia é o primeiro passo para a lenta e urgente reconstrução de uma antropologia e teologia que respeite o humano, a natureza, o cosmos na sua integridade, relacionalidade e mistério.

É na mesma perspectiva que proponho o segundo item de minha reflexão que focalizará essa "alienação" antropológica e teológica no interior de nossa eclesiologia.

II- DA IGREJA IMAGEM DO HOMEM À IGREJA IMAGEM DA MULHER E DO HOMEM.

A Igreja, coletividade humana de fé, tecida da experiência de Jesus de Nazaré, conheceu ao longo de sua história múltiplas definições. De comunidade seguidora de Jesus, a sociedade perfeita, a corpo místico de Cristo até a atual imagem conciliar de Povo de Deus em marcha, o caminho foi longo e por vezes tortuoso. O que interessa a meu propósito é mostrar que a imagem humana e a imagem divina correspondente foi predominantemente fruto de uma

3. Fiorenza, E. In memory of her - A feminist theological reconstruction of Christian origins. New York, Crossroad Publishing, 1983.

concepção e organização androcêntrica do mundo em todo esse largo período. Só nestes últimos anos, as conquistas humanas em todos os campos do saber e as conquistas do movimento feminista internacional vêm abrindo brechas nessa concepção hegemônica e introduzindo sérios questionamentos a essas imagens de Igreja que mesmo quando a consideram Mãe ou Mestra o fazem a partir da afirmação do poder patriarcal.

A imagem de alguém é expressão de seu ser ou daquilo que nele predomina mais. A imagem é a maneira histórica, situada e datada de como um ser se apresenta, se conduz e se afirma. Esta pode ser individual ou coletiva.

A imagem é ainda o momento vivido por uma pessoa ou grupo, sua manifestação, sua exteriorização no espaço e no tempo. Nesse sentido a imagem é reveladora dos valores, dos comportamentos, das aspirações e da própria identidade da realidade refletida. Assim, se analisarmos em grandes linhas a imagem de ser humano contidas nas diferentes eclesiologias presentes no conjunto da Igreja, não será difícil constatar que o homem, primeiro sexo, se constitui como a imagem primeira que historicamente a Igreja tem de si. Mesmo nas expressões femininas utilizadas para designar a Igreja se pode captar um certo anti-feminismo latente, fruto da afirmação do homem como valor primeiro na ordem da criação.

A palavra Igreja segundo seu gênero é feminina e, como sabemos, por diversas vezes a teologia a expressou como imagem feminina relacionada intimamente à imagem mas-

culina de Jesus Cristo. Falou-se da Igreja como esposa ou noiva de Cristo como se uma relação matrimonial íntima se realizasse entre ambas as partes. Entretanto, essa expressão feminina encerra um conteúdo histórico notadamente masculino. A Igreja apenas se submete a Cristo como a mulher ao homem, a nível simbólico. Mas, a história transforma o símbolo em outra coisa diferente do que expressa originalmente. Na realidade a submissão ao poder de Cristo é a afirmação do poder dos eclesiásticos e de seus ideólogos, de forma que são eles que dominam historicamente. A submissão existe, mas é assumida pelas mulheres que historicizam através de suas vidas a simbologia patriarcal que se pretende verdade para homens e mulheres.

Se lançarmos um rápido olhar para a história da organização de nossas Igrejas percebemos o quanto as mulheres são elementos subalternos e, dependendo dos interesses do momento, são incluídas ou excluídas de certos ministérios ou funções. Isto mostra claramente o desvio porque passou a imagem feminista e as conseqüências da patriarcalização dos símbolos femininos ao longo de nossa história cristã.

Nesse sentido podemos observar que curiosamente, o símbolo "esposa" atribuído à Igreja tem em si todas as características do "esposo" e, passa a identificar-se a ele mesmo sexualmente. Elimina com isso a diferença e exila para longe de si a riqueza da diversidade e a realidade constitutiva do humano ao mesmo tempo homem e mulher.

Em geral o "status quo" religioso repudia esse tipo de reflexão, pois

teme que se toque na estrutura antropológica de sustentação desse modelo eclesiológico e, conseqüentemente, se abra espaços para uma "redistribuição" mais eqüitativa do poder na Igreja. Teme também que esta reflexão desmonte a ideologia que mantém no trono dos céus e da terra as divindades predominantemente masculinas, expressões da dominação masculina em nossa sociedade.

Hoje, mais do que em outras épocas da história da humanidade, o patriarcalismo está em crise. Não se trata de uma crise/crescimento que viria reforçar suas raízes e instituições, mas de uma crise/mutação que está abalando não só seus alicerces mas denunciando a fraqueza de sua postura histórica.

Há cada vez mais, um número crescente de forças organizadas que estão fazendo o serviço lento, constante e muitas vezes silencioso de mover as raízes do patriarcalismo, de infiltrar elementos cismicos em seus muros, de denunciar o ridículo de algumas de suas pretensões e a injustiça gritante de muitas de suas construções históricas.

O movimento feminista e, em particular a teologia feminista para o que se refere às Igrejas, tem sido uma das mais importantes forças históricas de abalo ao patriarcalismo.

A teologia feminista busca não só uma abordagem teológica que tome a realidade da mulher como ponto de partida, mas tenta captar nos acontecimentos marcantes da história latino-americana dos últimos anos o rosto novo de Igreja que nasce da ação do Espírito. A esse respeito quero lembrar a militância revoluci-

onária de muitas mulheres que cercaram fileiras nas frentes sandinistas de libertação, nas frentes de El Salvador e Guatemala e mais, nos diferentes países onde a ditadura militar fez vítimas durante muitos anos. À primeira vista a gente poderia considerar a ação destas milhares de mulheres junto a milhares de homens como um processo revolucionário social sem incidência na vida eclesial. Entretanto, este não é o caso. Sabemos do número crescente de mulheres que tem tomado consciência e reagido contra os quadros patriarcais e autoritários das Igrejas na América Latina comprometidas direta ou indiretamente com o poder opressor. Um crescente número de mulheres: mães de família, jovens, religiosas e outras, vem, através de sua coragem e ternura, mostrando que a comunidade dos apaixonados e apaixonadas pelos valores do Reino tem que exercitar na prática cotidiana a convivência que aspira para o conjunto da sociedade.

A resistência das mulheres em "durar" nos momentos difíceis e sua teimosia, em não aceitar simplesmente que seus filhos e maridos sejam mortos, tem mostrado o quanto essa nova práxis é capaz de modificar até as estruturas das Igrejas.

Sem dúvida ainda são os primeiros passos, visto que na Igreja a falta de abertura para as mudanças de poder são ditas de direito divino. Mas, não se pode deixar de lado a crescente sensibilidade da mulher sobretudo nos meios populares em redescobrir seu lugar na tradição Cristã e seu lugar na Igreja hoje.

São as mulheres pobres que perceberam que a Boa Nova de Jesus

lhes é prioritariamente anunciada como membros do povo dos pobres. É a partir delas que a Justiça de Deus se restabelecerá na face da terra. São as mulheres de todas as partes da América Latina, as lutadoras pela Vida que são as herdeiras das viúvas, das prostitutas, da cananéia, da samaritana, da endemoninhada, da encurvada, da que sofria de fluxo de sangue, das que foram capazes de anunciar a vitória da vida depois da trágica morte de Jesus.

São essas mulheres que "driblam" bem os poderosos deste mundo, os hierarcas autoritários e, que são capazes de tornarem-se belas e atraentes até que um dia juntas degolem a cabeça patriarcal opressora dos Holofernes da vida.

A conquista de um rosto novo de mundo e de, Igreja não nasce de forma abrupta, não se impõe do dia para a noite. É fruto de um longo processo de maturação onde golpes e sorrisos se incluem, processo semelhante ao rosto de uma criança que vai se transformando ao longo dos anos até aparecer como rosto adulto moldado pelas diferentes marcas da história. Assim é a contribuição do movimento feminista para a construção de um rosto adulto de mundo e sociedade. Lentamente vai atingindo pessoas e diferentes instâncias da sociedade em vista de uma conversão ao humano integral, objetivo fundamental da caminhada humana em todas as gerações. É nessa caminhada que a Igreja moldada e explicitada milenarmente como imagem do homem se tornará enfim, Igreja imagem de homem e de mulher, expressão da humanidade reconciliada consigo mesma.

III- A RECIPROCIDADE COMO FUNDAMENTO DO NOVO RELACIONAMENTO HUMANO.

À primeira vista a palavra reciprocidade anuncia uma espécie de bem-estar nas relações humanas, uma espécie de superação de conflitos, de reconhecimento mútuo e relacionamento dialogal recíproco. Ela pode ser entendida como a palavra chave que tudo resolve e que bastaria assumi-la num esforço de vontade para que o novo relacionamento fundado na igualdade e na justiça pudesse existir.

A reciprocidade seria uma espécie de ponto de chegada em que afinal teríamos vencido o mal da dominação patriarcal e da antropologia que lhe serve de sustentação. A dominação se tornaria coisa do passado para que enfim a humanidade reconciliada consigo própria pudesse habitar na alegria "uma nova terra e um novo céu".

Entretanto, a reciprocidade na perspectiva em que a reflito, não é o ponto final, o ponto de chegada para a instauração de um novo relacionamento humano. Ela é sem dúvida o ponto inicial, o ponto mediano, mas nunca o ponto final. A reciprocidade não é um lugar ao qual se chega, mas uma atitude profunda que deveria acompanhar a vida, fazer "carne" com nossas ações e opções, marcar sempre as nossas aspirações e sonhos. A reciprocidade não é o ponto final porque não existe ponto final na história do relacionamento humano pessoal e coletivo. De certa forma estamos sempre no ponto inicial, no ponto de sempre exercer nossa criatividade, de construir nossas esperanças.

Nessa perspectiva, assumir a reciprocidade como fundamento do novo relacionamento humano significa concretamente algumas posturas e orientações básicas:

1 — Significa assumir a responsabilidade conjunta do que fizemos e fazemos de nossa história. Não há de um lado os culpados e do outro os inocentes. Todas e todos têm ao menos uma parte de responsabilidade e, por isso, a história pode ser também o tribunal de julgamento de todos mesmo se a responsabilidade e a cumplicidade sejam em graus diferentes.

Nesse sentido podemos dizer que houve também responsabilidade da mulher na dominação do sistema patriarcal e haverá omissão se um e outra não assumirem pessoal e coletivamente a tarefa a que estão sendo convocados hoje: renovar o humano e renovar a face da terra.

A reciprocidade tira-nos, em primeiro lugar, da desculpa fácil de atirmos a responsabilidade da situação no homem, na sociedade, na Igreja, em Deus como se fossem entidades absolutamente independentes das pessoas individuais. Devolve a cada um de nós a responsabilidade que temos diante da construção ou destruição da vida.

2 — Significa afirmar a igualdade não no nível dos princípios, mas no concreto de nossa história. Isto exigirá ações e comportamentos, por vezes bastante conflitivos para que se reconheça a igualdade na reciprocidade. Igualdade não significa equivalência de força física, nem uniformidade nas iniciativas pessoais, mas possibilidade de se exprimir como diferente, como "outra", de ser con-

siderada pessoa de direitos e deveres, de ser enfim levada à sério a partir da contribuição que se dá.

A reciprocidade como igualdade vai exigir sobretudo da Igreja patriarcal a conversão séria de um comportamento milenar excludente em relação à mulher. Vai exigir também da mulher tenacidade, coragem e competência nesse novo passo de conquista para a humanidade.

3 — Significa assumir um processo histórico qualitativamente outro, conscientes de que estamos dando um passo ético de superação da "bondade" ingênua de todas as pessoas para a afirmação de que o próximo, a próxima me importunam, me incomodam e é este "incômodo" que estabelece uma nova relação. Ele me faz sair de meu egoísmo, da "paz" tranqüila do "status quo" e me lança na aventura da existência. Me faz também sair do horizonte das concessões, da busca de uma falsa harmonia para abrir o confronto onde cada um tem que olhar ao mesmo tempo para si, para o outro e para os outros.

4 — Afirmar a reciprocidade como fundamento de um novo relacionamento humano é também afirmar Deus como Aquele(a) que advém, que surge, que convoca, que é o Terceiro para além de meu eu, para além de nosso eu-tu. Nesse sentido somos obrigados(as) a ir mais adiante, a de fato "ouvir os clamores" da história, a tentar compreender seus sinais e apelos. Somos convocadas(os) a reconstruir a vida, a proclamar a partir de ações o "Ano de Graça" que aspiramos.

O Deus da reciprocidade é o Deus da liberdade, Aquele que não pode ser aprisionado numa imagem

única e a partir dela ter sua "imagem" manipulada conforme a ideologia do poder vigente. Deus é o radicalmente outro e os outros seres são na mesma medida radicalmente diferentes de meu eu, ao ponto de se fundar aqui a impossibilidade ética de dominar os outros e reduzi-los à minha vontade.

5 — Afirmar a reciprocidade como fundamento de nosso relacionamento humano exigirá cada vez mais das igrejas uma postura séria em relação às suas formulações teológicas e sobretudo em relação aos compromissos históricos com os empobrecidos de todo o mundo. Tal postura histórica irá transformando o rosto da Igreja ainda bastante excludente da diversidade, num rosto mais pleno em que, de fato, o conjunto da humanidade possa ser simbolizado na perspectiva do Reino. Hoje sobretudo nos Estados Unidos fala-se muito do rosto da Igreja vivendo um êxodo novo, o êxodo do patriarcalismo. Este é vivido como uma esperança nova para a humanidade, pois significa a saída de estruturas que mantiveram a fé Cristã cativa, durante séculos, de uma cultura sacralizada como Revelação de Deus. O novo êxodo vai mais além do que a participação em responsabilidades da Igreja em resposta a uma reivindicação de espaço nessa estrutura tal qual é hoje em dia. Ela quer propor algo mais profundo, algo que expresse a necessidade de extirpar o mal do qual somos cúmp-

plices. Se não fosse assim, a mulher estaria apenas sendo incluída nas estruturas e símbolos patriarcais, mas não participaria verdadeiramente de uma reconstrução das estruturas e símbolos da comunidade eclesial da qual ela é artífice tanto quanto o homem.⁴

6 — Finalmente afirmar a reciprocidade como fundamento do relacionamento humano é afirmar a absoluta relacionalidade entre tudo o que existe.

Vivemos um extraordinário momento em nossa história, o momento da superação de uma postura dominadora do homem em relação à natureza. Estamos caminhando cada vez mais para a percepção da inter-relação e inter-dependência entre todos os seres e fenômenos de forma que o absoluto respeito devido a cada ser humano é devido também à natureza. Nessa perspectiva a antropologia da relacionalidade inclui todo o existente e se torna base para uma nova visão teológica em que de fato o Espírito de Deus fecunda continuamente a terra e todos os sistemas para além dela.⁵ Há sinais pelos quatro cantos do mundo que confirmam a abertura de "frentes de trabalho" para a construção desse novo rosto de humanidade. Não são poucos os grupos de ecologistas, de defesa da vida da terra, grupos anti-nucleares que somados a todos os grupos de empobrecidos e mulheres abrem nossos corações à esperança de que uma alternativa se

anuncia para a humanidade e que esta transformará nossas instituições e nossas igrejas.

Estas orientações básicas de uma antropologia fundada na reciprocidade (aposta) como vimos, nas infinitas possibilidades do ser humano; acredita que "as flores vençam os canhões" apesar do dramático espetáculo de fome e destruição que nos circunda; acredita que o modelo atual de ser humano fundado num certo racionalismo, numa perspectiva dualista, numa formação cultural patriarcal está se esgotando e este "cansaço" que nos atinge a todos e todas é, sem dúvida alguma, a dor de parto coletiva de um novo mundo que está para nascer.

CONCLUSÃO

Costaria de concluir este pequeno artigo evocando um trecho do poema de Cecília Meireles "Homens Gloriosos"⁶.

"Sentei-me sem perguntas à beira da terra,

e ouvi narrarem-se casualmente os que passavam.

Tenho a garganta amarga e os olhos doloridos:

deixai-me esquecer o tempo,
inclinai nas mãos a testa desencantada,

e de mim mesma desaparecer,

_ que o clamor dos homens gloriosos

cortou-me o coração de lado a lado.

Pois era um clamor de espadas bravias, de espadas enlouquecidas e sem

relâmpagos...

alí, sem relâmpagos...

pegajosas de lodo e sangue denso."

Sua dor é a dor de milhares de pessoas que vivem o horror das injustiças construídas com nossas próprias mãos. De seu desejo de "esquecer o tempo", este tempo de dor e lágrimas, abre-se em minha lembrança frases do poema de Isaías, 9. "O povo que andava nas trevas viu uma grande luz..., o jugo será quebrado, o calçado que se traz na batalha, e todo manto manchado de sangue serão lançados ao fogo"....

A grande esperança surge com o nascimento de uma criança, "um filho(a) nos foi dado(a)". A esperança nasce de nossas entranhas, é dela que surge o milagre que salva o mundo. E este nascimento renova e altera irreversivelmente o mundo.

Hoje, mais do que em outros momentos da história é do ventre das mulheres que nascerá o "fruto bendito", a humanidade renovada, cingida de justiça e coroada de ternura.

4. Reuther, Rosemary, *Women - Church: Theological and practice of feminist liturgical communities*, Harper & Row, Publishers, San Francisco, New York, 1985.

5. Fritjof Capra, *O ponto de mutação*, Ed. Cultrix, São Paulo, 1988.

6. Meireles, Cecília, *Mar absoluto/ Retrato Natural*, Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1983.